



Entre os lugares e brincadeiras: a pesquisa com as crianças na Educação Infantil

Between places and play: research with children in Early Childhood Education

Entre lugares y juegos: investigaciones con niños en Educación Infantil

Monique Ap. Voltarelli¹

Professora da Universidade de Brasília, Brasília/DF, Brasil

Lourenço Silva Teixeira²

Professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Brasília/DF, Brasil

Recebido em: 04/04/2025

Aceito em: 22/05/2025

Resumo

O presente artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado realizada com crianças na educação infantil, na qual o pesquisador foi recebido por elas como um "aluno novo". Nesta condição especial proporcionada pela pesquisa de campo, foi possível realizar a escuta das crianças por meio da participação nas brincadeiras com elas, conhecendo a maneira como experienciavam os lugares na instituição e como construíam suas maneiras de ocupá-los por meio de suas culturas de pares. Por meio de registros fotográficos, gravação de voz, vídeos feitos pelas crianças em suas manifestações brincantes, verificaram-se os desafios de romper com posturas adultocêntricas, tanto no âmbito da pesquisa, quanto na maneira de retratar os dados na escrita científica. Desse modo, o presente texto busca dialogar com aspectos relacionados à pesquisa com crianças, por meio das oportunidades ao se adentrar no universo infantil, utilizando-se da brincadeira como principal maneira de conhecer as culturas de pares.

Palavras-chave: Pesquisa com crianças. Educação Infantil. Brincadeiras.

Abstract

This article presents part of the findings from a master's research project conducted with children in Early Childhood Education, in which the researcher was welcomed by them as a "new student." This unique condition, enabled by fieldwork, made it possible to listen to the children through participation in their play, gaining insight into how they experienced the institutional spaces and how they constructed their own ways of occupying them through their peer cultures. Based on photographic records, voice recordings, and videos produced by the children during their playful activities, the study highlights the challenges of overcoming adult-centered perspectives, both in the research process and in the representation of data in academic writing. The article thus aims to engage with methodological issues related to research with children, emphasizing play as a central means of accessing peer cultures.

Keywords: Research with children. Early childhood education. Play.

¹ mvoltarelli@unb.br

²lorenco88@gmail.com.

Resumen

Este artículo es parte de los resultados de una investigación de maestría realizada con niños y niñas de educación infantil, en la que el investigador fue acogido por ellos como «nuevo alumno». En esta condición especial proporcionada por la investigación de campo, fue posible escuchar a los niños participando con ellos en sus juegos, conociendo cómo vivían los lugares de la institución educativa y cómo construían sus formas de ocuparlos a través de sus culturas de pares. Por medio de registros fotográficos, grabaciones de voz y videos realizados por los niños en sus manifestaciones lúdicas, se verificaron los desafíos de romper con las actitudes adultocéntricas, tanto en el contexto de la investigación como en la forma de retratar los datos en el texto científico. De esta forma, este texto busca dialogar con aspectos relacionados a la investigación con niños, a través de oportunidades de entrar en el universo infantil, utilizando el juego como principal forma de conocer las culturas de los pares.

Palabras clave: Investigación con niños. Educación infantil. El juego.

Introdução

“Aquele que não fala”. Por muito tempo este significado da palavra infante foi predominante para o estabelecimento de relações desiguais de poder com as crianças em diversos contextos, uma vez que, por muitos anos, posturas adultocêntricas não eram questionadas. Entretanto, desde o final do século XX, conceitos foram revisitados e reflexões críticas foram construídas acerca das teorias clássicas de socialização, bem como da psicologia do desenvolvimento, com o intuito de ressignificar o papel das crianças na sociedade, de maneira a valorizar sua participação, reconhecendo-se a importância de escutar e valorizar suas vozes, bem como de fazer valer seus direitos.

Ainda que se tenha avançado muito neste tópico, realizar pesquisas com crianças traz implicações acerca das escolhas metodológicas e epistemológicas, de maneira a incluir-se o ponto de vista das crianças, suas perspectivas, suas experiências, entre outros aspectos importantes no âmbito científico. Além disso, pesquisa com crianças exige cuidados éticos para se garantir a proteção, o bem-estar e a participação genuína delas nos processos, de forma que essa participação não seja meramente decorativa (Hart, 1993), mas sim consentida, e que possa contar com o envolvimento das crianças em suas diversas formas de expressão.

A consideração de abordagens lúdicas, linguagem apropriada e proporcionar um ambiente acolhedor, pode ser um dos elementos essenciais para a realização de pesquisas com crianças, tendo em vista que métodos interativos, como jogos, desenhos, histórias ou dramatizações, podem facilitar a comunicação e a expressão das crianças. Ressalte-se, ainda, que para realizar a pesquisa com elas também é importante organizar espaços confortáveis e amigáveis, os quais podem ajudar a criar um ambiente seguro e de confiança.

Neste sentido, o presente artigo visa apontar algumas reflexões acerca de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida na Universidade de Brasília, realizada com crianças em uma instituição de

educação infantil no Distrito Federal. Nela buscou-se investigar as formas de organização e uso dos espaços, a fim de compreender como as crianças experienciavam os lugares concedidos e como vivenciavam suas infâncias (Teixeira, 2023).

Lopes e Vasconcelos (2005, p. 40) apontam que não é possível realizar uma leitura da infância “sem identificar na produção desta o imbricamento com a questão da produção do espaço, dos lugares e território”. Para tanto, a pesquisa empírica buscou entender as infâncias, pautando-se na geografia da infância, de forma a pensar o contexto pesquisado por meio das compreensões e experiências espaciais das crianças, valorizando suas múltiplas linguagens e repertório de imaginação e criação.

A Educação Infantil, enquanto primeira etapa da Educação Básica (Brasil, 1996), tem sido o espaço que às crianças é permitido frequentar, para além do ambiente familiar, constituindo-se a primeira fase de ensino e formação do cidadão brasileiro e na qual as crianças passam boa parte de suas infâncias. Enquanto instituições destinadas ao cuidado e educação de crianças, ou que ao menos deveriam ser, frequentemente se nota a permanência de compreensões acerca das crianças que as colocam em uma condição de passividade, incompetência, imaturidade e incompletude, retirando-se o direito de reconhecer suas vozes em todo processo educacional. Muitas vezes essas concepções estão tão enraizadas que são reproduzidas de maneira automatizada, o que traz implicações para as decisões tomadas e principalmente para as práticas pedagógicas, em especial na maneira como se estabelecem relações com as crianças.

Assim sendo, a preocupação inicial da pesquisa deu-se em problematizar o lugar que as crianças ocupam nas pesquisas científicas, bem como compreender que lugares elas experienciam nas instituições de educação infantil, e como estes são vivenciadas por elas.

Para tanto, discutir sobre adultocentrismo, adultismo, colonialismo, subordinação, entre outras dicotomias (Araujo; Anjos, 2023) se apresenta como necessário para esse diálogo, uma vez que o adultocentrismo, ao colocar os adultos como centro ou padrão de referência em termos de valores, decisões e interpretações sociais, acaba por ignorar e/ou subestimar as perspectivas, vozes e experiências das crianças, ao assumir que os adultos sempre sabem o que é melhor para elas, sem consultar suas opiniões.

De acordo com Faria e Santiago (2015) o adultocentrismo pode ser compreendido como um dos preconceitos mais naturalizados no âmbito social, tendo em vista que ao se atribuir competências às crianças para que se tornem adultas, no futuro, resulta-se na ausência de valorização da singularidade da infância, fazendo com que esta seja vista apenas como um momento de passagem, um vir a ser, no qual

deve-se aprender os processos de integração social.

Rosemberg (1976), pioneira em tratar do conceito de adultocentrismo no Brasil, já alertava que o fato de olhar para a infância como se se procurasse o que a criança será no futuro, desconsidera a potência delas no tempo presente, e colocam-nas em uma condição de “domesticação” e submissão a uma sociedade centrada nos adultos. A autora ainda ressalta que a cristalização do poder adulto ocorre pela educação das crianças, de forma dupla, ou seja, na compreensão de que apenas os adultos educam as crianças, e no fato das crianças terem que se adequar a sociedade, o que impede as atividades espontâneas das crianças sejam apreciadas, já que seus modos de viver a infância passam a ser controlados, disciplinados e normatizados.

Isso é particularmente relevante em pesquisas com crianças, pois o adultocentrismo pode influenciar na maneira como o planejamento da pesquisa é feito, desconsiderando-se as múltiplas maneiras como as crianças percebem e interagem com o mundo, interferindo-se ainda na coleta de dados, pois o uso de metodologias inadequadas dificulta compreender as crianças em suas particularidades e especificidades, além de correr-se o risco de tratar as crianças apenas como objetos de estudo e não como coautoras da pesquisa.

Importante mencionar que mesmo que os pesquisadores tenham tomado os devidos cuidados, a vigilância com as posturas adultocêntricas também é necessária durante a interpretação dos dados, pois é justamente neste momento que a perspectiva das crianças pode ser interpretada com base em preconceitos ou suposições, o que distorce os resultados, somada à tendência a invalidar ou minimizar as opiniões infantis pela justificativa de que estas não atendem aos padrões de racionalidade ou lógica adulta.

Ressalta-se ainda que fazer pesquisa com crianças convoca os pesquisadores a estarem abertos a adentrar o universo infantil, por meio das diferentes linguagens que as crianças utilizam para se expressarem. Isso faz com que os pesquisadores estabeleçam relações com as crianças por meio dos silêncios, brincadeiras, sorrisos, desenhos, musicalidade, danças, entre outras que possibilitem o pesquisador a conectar-se com elas. Recomenda-se que isso seja feito de maneira a distanciar-se de posturas adultistas, para estabelecer uma relação de confiança com as crianças, almejando-se um trânsito mais livre e um olhar diferenciado para o universo infantil.

Esse exercício de distanciamento foi nomeado por Corsaro (2005) como “adulto atípico”, no qual este coloca-se em uma posição de destituição de poder, que não controla, não vigia, não dá ordens às crianças, de forma a buscar uma maior aceitação para entrar no mundo delas. Sabe-se que o universo

infantil é cheio de surpresas e o desafio maior do pesquisador é aproveitar as oportunidades criadas pelas crianças para se conectar com elas, usando da ludicidade para criar outros momentos de possibilidades e assim conhecer mais suas formas de ser, pensar, estar e ocupar os espaços nas quais estão inseridas.

Atentos a estes cuidados e desafios, a presente pesquisa de natureza qualitativa foi realizada com as crianças, por meio de observação participante, em uma instituição que oferta Educação Infantil pública na maior Região Administrativa do Distrito Federal, Ceilândia. Para registro da pesquisa, foi utilizado um diário de campo com notas das experiências diárias experienciadas nas instituições. Um aparelho celular possibilitou registro de fotografias e vídeos. Desenhos também foram disponibilizados pelas crianças e pela professora para análise. Um aparelho de gravação de áudio deu suporte às gravações.

Para discussão e análise dos dados gerados, foram utilizados também o Projeto Político-Pedagógico, legislações, Currículo em Movimento do Distrito Federal (Distrito Federal, 2014), além do diálogo com o aporte teórico da Sociologia e Geografia da Infância, que ajudaram a compreender as relações com espaços e as culturas infantis. De fotografias e vídeos, foram produzidos 772 arquivos, o que resultou em um dossiê³ intitulado “Tem um dinossauro debaixo da mesa: os lugares das crianças de uma instituição na periferia do Distrito Federal” (Teixeira, 2023), organizado pelo pesquisador, no qual se pode encontrar os lugares ocupados, preferidos e experienciados pelas crianças na instituição pesquisada.

A vontade de estabelecer esta conexão era tão grande, que ao adentrar a campo na instituição em que foi feita a pesquisa, o pesquisador aproveitou as oportunidades criadas em seu primeiro dia na sala, quando o nomearam de “aluno novo”. Entre os desafios, questionamentos, curiosidades e reflexões diárias dessa inserção, foi-se encontrando caminhos, trilhados com as crianças, nas quais elas foram convidando e envolvendo o “aluno novo” para participar de suas brincadeiras e a frequentar os lugares que utilizavam para compartilhar segredos e escondê-los da professora regente.

Lopes (2008, p. 77) afirma que crianças negociam sua existência na sociedade transgredindo, invertendo e criando nos espaços dados pelos adultos, e foram essas criações e experiências espaciais que se buscou encontrar ao estabelecer com as crianças uma relação horizontal, valorizando suas perspectivas espaciais da instituição que vivem suas infâncias.

A experiência revelou a forma como aquelas crianças vivenciam a infância dentro da instituição. Ao inserir-se na rotina da turma de Educação Infantil como um adulto atípico, o pesquisador conseguiu testemunhar as peculiaridades que permeavam o universo infantil naquele contexto educacional. A

³Dossiê disponível neste link:

https://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/49416/2/LourencoSilvaTeixeira_DISSERT_PRODUTO.pdf

experiência proporcionou uma compreensão mais rica do cotidiano das crianças, destacando suas interações, formas de expressão e as culturas infantis, que serão compartilhadas neste artigo.

Os desafios de pesquisa: adentrar no universo infantil

Os estudos sociais da infância reconhecem a pluralidade das infâncias e a necessidade de enfoques múltiplos, diálogos interdisciplinares e metodologias diversas para ampliar o olhar dos pesquisadores e refletir sobre desafios e superação de barreiras necessárias para conhecer melhor as perspectivas das crianças.

Nos últimos anos, reconhecem-se esforços sobre a descolonização do pensamento sobre as infâncias, os quais têm demandado romper com perspectivas eurocêntricas, adultocêntricas e universalizantes que historicamente moldaram a forma como entendemos e estudamos as crianças. Esse processo busca reconhecer e valorizar as múltiplas infâncias, respeitando suas diversidades culturais, sociais, históricas e políticas.

Para isso, é preciso decolonizar o poder, o saber, o ser, o viver, o olhar e o pensamento, criando espaços para que as crianças possam falar e serem ouvidas, valorizando-se as tradições dos povos subjugados pela colonização, bem como reconhecer que existem distintas infâncias e que cada uma exige uma abordagem metodológica própria.

Coloca-se assim a necessidade de nos empenharmos “sobre esta realidade complexa e multifacetada e escutá-la” (Streck; Adams; Moretti, 2010, p. 29). E essa escuta também envolve ouvir as crianças, cunhando e reinventando olhares e caminhos para observar e perguntar sobre as suas histórias, perspectivas, lugares, reconhecendo suas vozes, que muito tempo estiveram silenciadas, e que tem convocado pesquisadores a fazê-lo com vigilância teórica e ética.

Captar as vozes das crianças, entender as culturas infantis, adentrar em seus repertórios é algo que tem desafiado pesquisadores a superar expectativas que os adultos têm, ao se esperar respostas “certas” ou “diretas” das crianças. Também se constitui um desafio assumir que na maioria das vezes não se sabe quais questões/temáticas são realmente significativas para elas; além de se tomar cuidado com as informações obtidas, para não expor e/ou torná-las vulneráveis no processo de pesquisa (Campos, 2008).

As pesquisas com crianças em espaços adultistas se tornam ainda mais desafiadoras. Nas instituições escolares, enquanto espaços privilegiados para que os adultos exerçam poder e controle

sobre as crianças, as relações desiguais entre as gerações tornam-se ainda mais evidentes. Desde muito pequenas, as crianças são colocadas na condição de alunas, sendo atribuída a elas a função de aprender até se tornarem adultas, para exercer a cidadania enquanto futuras trabalhadoras, reconhecidas como potentes fontes de capital humano (Qvortrup, 2001; 2009).

Liebel e Meade (2024, p. 6) ressaltam que o domínio do poder exercido sobre as crianças nas escolas se colocou como uma tarefa central do professor, para que as salas sejam vistas como um lugar de ordem e paz. Quando retomamos as contribuições de Foucault (1982), pontua-se que o “poder não existe como algo absoluto, mas apenas em relacionamentos, ações e linguagem entre as pessoas. Ele pode ser identificado, por exemplo, por hierarquias entre pessoas que se movem de uma certa maneira em um certo espaço”. Desta maneira, o espaço escolar tornou-se privilegiado para tal, colocando as crianças em uma situação de invisibilidade, além de silenciarem-se suas vozes.

Dialogando com Lopes e Vasconcelos (2005), os autores explicam que toda criança pertence a um lugar, de forma correspondente, para cada criança há também um lugar social que lhe é atribuído pelo mundo adulto — um espaço que delimita sua vivência. Ao mesmo tempo, essa criança ocupa diferentes lugares dentro desse mesmo local, já que o próprio mundo adulto destina distintas partes do espaço físico para que suas infâncias se materializem.

Portanto, compreender os espaços vivenciados e experienciados das crianças na instituição educativa pesquisada foi um desafio desde o início, pois conforme foi se adentrando no universo delas, mais se percebia que seus espaços na verdade eram refúgios para se resistir ao controle da professora. Conhecer seus lugares demandou ganhar a confiança das crianças, compartilhar com elas situações em que o pesquisador, ainda que diante de uma situação que clamava por uma “chamada de atenção” diante das “bagunças” das crianças, se somava a elas nestas aventuras possíveis dentro deste espaço de controle, alcançando assim conhecimento sobre os olhares delas sobre situações diversas ali vivenciadas.

A colonialidade do poder adultocêntrico tem justificado “a subalternização e a violência empreendidas contra crianças, adolescentes e jovens, e seus grupos sociais racialmente inferiorizados” legitimando assim “as medidas necessárias para fazê-los superar o primitivismo de suas naturezas humanas” (Oliveira, 2021, p.957). Seja na escola, nas pesquisas científicas, nas relações como um todo, o lugar das crianças ficou à margem da sociedade, e retirá-las deste esquecimento tem sido tarefa central das pesquisas feitas com as crianças.

Lopes (2011) corrobora esse argumento ao afirmar que precisamos desenvolver novos olhares sobre as crianças e entendê-las “como produtoras desse país e desse planeta, como sujeitos presentes

nas paisagens e construtoras dessas paisagens, que deixam marcas e rastros no espaço e no tempo (p. 103). A instituição que oferta educação infantil precisa ser um lugar em que as crianças sintam pertencimento e identificação e não apenas o frequentem e retornem para suas casas.

Neste sentido, as pesquisas brasileiras com e sobre as crianças, em especial as realizadas na educação infantil, logram apropriar-se de estudos de autores que se colocam entre os chamados pós-estruturalistas e pós-coloniais, de maneira a provocar “um questionamento mais profundo, talvez ainda mais radical, dos fundamentos éticos, políticos, linguísticos, gnosiológicos e/ou epistemológicos da produção de conhecimento” (Soares et. al, 2004, p.7). Estes estudos se colocam ainda como uma oportunidade para ampliar o diálogo acerca das crianças na educação infantil, juntamente com as crescentes discussões e movimentos em prol dos direitos das crianças, de forma a reconhecer cada vez mais a potência da infância.

O imaginário adultocêntrico coloca-se de maneira tão naturalizada, configurando relações de poder pautadas na idade, na qual o adulto é considerado com maior capacidade de tomar decisões e controlar os demais indivíduos sociais, sejam eles as crianças, jovens ou idosos. Esse poder vai se concretizando de tal forma que não é questionado e se torna um mecanismo de controle potente, explorando, reprimindo e impondo suas vontades às demais gerações. Isto impacta principalmente na restrição da participação dos considerados não-adultos (crianças, jovens ou idosos) nos diversos âmbitos sociais e também científicos, políticos, econômicos e culturais. Considerar apenas os adultos como os únicos interlocutores com legitimidade para tomada de decisão faz com que as imposições por eles postas tornem-se mais difíceis de serem questionadas ou modificadas (Liebel 2022,2024).

Como convidar as crianças para o diálogo se os adultos estão centrados em suas próprias verdades? Como reconhecer as crianças em suas humanidades, singularidades e especificidades, se não forem consideradas como potentes interlocutoras para contribuir com a construção do conhecimento científico? Como elas podem contribuir para o diálogo se não soubermos entender e adentrar em suas múltiplas formas de expressão e linguagem?

Concorda-se com Oliveira (2021, p. 967), quando aponta que

A experiência de pessoas classificadas por crianças, adolescentes e jovens com os múltiplos desígnios da ordem colonial/moderna deve ser-nos fonte de aprendizagem e de diálogo para imaginar outras possibilidades de existência social, e ousar trilhá-los. Por viverem na pele o cotidiano das violências e desigualdades, mas também das resistências e inovações, são sujeitos que elaboram saberes outros sobre as situações vivenciadas e a imaginação do que deveria ser (ou da utopia). O adultocentrismo moderno atua para descredibilizar suas falas e conhecimentos, mas o viés racializado do adultocentrismo opera mais além, desconstruindo a humanidade e descartando as vidas. Por isso, também está em nossa responsabilidade, como adultos, de levar a

sério suas vozes e ações sociais, pois nelas há conhecimentos e atitudes que produzem outros giros descoloniais.

Assim, coloca-se urgente e necessário reconhecer e valorizar as produções culturais, as vozes, as manifestações linguageiras das crianças e adolescentes, oportunizando equidade nas condições participativas. Neste sentido, a escuta das crianças torna-se essencial, bem como argumentar e interrogar as metodologias de pesquisa com as crianças, de maneira a compreender os significados que a participação infantil pode assumir nesses processos. Assim como os considerar os “aspectos epistemológicos e políticos que lhes são inerentes e as implicações que têm na forma como o conceito de participação é mobilizado nos processos de pesquisa” (Fernandes; Marchi, 2020, p. 1).

Retomam-se as contribuições de James (2007) ao pontuar que a escuta das crianças não se dá apenas pelo fato de permitir que elas falem, uma vez que o desafio maior, é explorar como as contribuições das crianças, a partir de suas perspectivas, manifestação de seus afetos, interesses, sentimentos, questionamentos, resistências, conflitos etc., podem fornecer elementos para compreender e teorizar as maneiras como interagem com o mundo social.

Nesta direção, a brincadeira é reconhecida como uma forma de ser e estar no mundo para as crianças (Borba, 2007), sendo parte integrante da cultura de pares, na qual ocorrem as trocas simbólicas e apropriações do mundo social por parte das crianças. Investigar as brincadeiras, em especial no contexto da educação infantil, como apresentado neste artigo, possibilitou conhecer, de maneira privilegiada as criações, negociações, transgressões e os espaços ocupados e ressignificados pelas crianças. Foi por meio das brincadeiras em que se foi possível ver que as interações das crianças são feitas

com o outro e por meio do outro, em que as significações são explicitadas e especificadas: ações se coordenam; temas se ajustam em prol de um tópico compartilhado; atividades e/ou objetos são acrescentados em face dos desdobramentos criativos; resistências são interpostas a fim de prevalecerem interesses de um ou de outro parceiro; conciliações são ensaiadas; e desfechos são efetivados (Maynart et. al, 2023, p.3).

Por meio dos convites para brincar feitos ao “aluno novo” a brincadeira com as crianças se colocou como lócus privilegiado para compreender os espaços vivenciados pelas crianças na instituição pesquisada, o que permitiu a aproximação de suas maneiras de se organizarem na sala, de conhecer os espaços em que compartilhavam segredos, risadas, onde compartilhavam seus lanches e também como resistiam às imposições de uma cultura institucional escolarizante, que insistia em tornar as crianças da

educação infantil em alunas.

A pesquisa com as crianças na Educação Infantil

Adentrar no lugar das crianças é um grande desafio para quem se propõe a realizar pesquisa com elas. Na investigação realizada, por mais que se tenha planejado e estruturado uma metodologia, foram as crianças que ditaram o ritmo da pesquisa e entregaram os registros de suas produções para o pesquisador permitindo acesso a informações e lugares que os próprios adultos daquela instituição não conheciam. A pesquisa foi realizada em uma turma de crianças de 4 e 5 anos dentro de uma instituição que oferta educação infantil em uma região administrativa do Distrito Federal, na periferia de Brasília.

Ao ser recebido pela instituição, o pesquisador se colocou como uma figura que não poderia exercer a função de ajudante ou de vigia das crianças, já que o objetivo era participar das atividades interagir com elas de maneira horizontal; a própria professora compreendeu que a figura do pesquisador seria como a de um aluno novo e assim foi sendo construída a relação com as crianças. O diálogo a seguir ilustra a aproximação das crianças:

Criança: *Por que você é tão grande?*

Pesquisador: *Acho que é porque eu já cresci um pouco.*

Criança: *Mas você vai estudar com “nois”?*

Pesquisador: *Sim, agora eu sou dessa sala.*

Criança: *Cadê sua agenda? Já entregou para a professora?*

Pesquisador: *Eu não trouxe hoje.*

Criança: *Sua mãe tem que comprar.* (Notas de Campo 05/05/2022).

O estranhamento dos pequenos perante o tamanho, postura, vestuário foi imediato, entretanto, com o pesquisador não assumindo um papel adultista, as crianças começaram a integrar o pesquisador dentro de seus espaços e lugares, convidando para brincadeiras conversas, trocas de lanches e materiais, o chamando de “aluno novo” e recebendo-o como um novo colega. A imaginação das crianças ao solicitar justificativas de ter um colega tão grande e com barba foi a primeira linguagem que permitiu a comunicação e aproximação do pesquisador com as elas.

Encontramos as crianças da instituição nos lugares em que muito brincavam e criavam fora da vigilância dos adultos. Na sala de referência, quando não estavam acompanhadas por adultos, corriam, subiam nas mesas, espiavam a professora e dançavam livremente. Com a docente presente, conciliavam suas vontades com atividades, usando brinquedos como materiais pedagógicos e interagindo com os livros

e atividades propostas pela professora de maneira não convencional: o livro virava casa e avião, o lápis instrumentos de uma cozinha e as folhas poderiam virar casinhas.

Para as crianças pequenas, tudo vira brinquedo e brincadeira, por mais que seja dito a elas que “não é hora de brincar”, a brincadeira também se constitui como linguagem da infância e foram nos convites para essas brincadeiras que se conheceram as crianças que estavam naquele espaço institucional. Ser convidado para uma brincadeira permitiu acesso a lugares das crianças que uma observação não permitiria. Nos convites das crianças foi entregue a confiança, as regras que elas inventaram e o repertório cultural daquele grupo que brinca de uma maneira diferente que a de crianças da sala ao lado.

Durante a investigação, as crianças se organizavam debaixo da mesa, para fugir dos olhares da professora, brincar, conversar e imaginar que aquele espaço era uma casinha ou a mais perigosa das cavernas. No parque, o escorregador era uma montanha, a casinha virava um castelo e o trepa-trepa uma teia de aranha venenosa. Por mais que os adultos organizassem e oferecessem espaços e objetos para brincadeiras, a maneira com que elas viviam esses espaços era parte de uma interpretação própria delas.

Ao se realizar pesquisa com crianças na educação infantil, é preciso de antemão compreender as diferentes linguagens da infância. A pesquisa se propôs a não interpretar com um olhar adultocêntrico as brincadeiras, desenhos e falas das crianças e, sim, compreender a maneira que vivem suas infâncias nos espaços destinados a elas, sob a ótica delas próprias. O pesquisador não assumiu a tradicional posição de observador, mas tornou-se um participante ativo nas atividades das crianças. Essa alteração de perspectiva permitiu a captura de momentos autênticos e espontâneos, proporcionando uma representação precisa das dinâmicas sociais das crianças em seus ambientes específicos, conforme ilustrado neste trabalho.

O brincar junto como forma de acesso à cultura da infância

“[...] surge uma reunião debaixo da mesa e eu sou convidado a participar. Na reunião, as crianças traçam um plano para dar uma lição em um colega. No plano está amarrá-lo, dar um susto, contar para a mãe dele, passar cola na cadeira dele, entre outras coisas. Uma criança olha bem no fundo dos meus olhos e fala para eu não contar para a professora o plano. Eu concordo prontamente. E somos surpreendidos com gritos bem assustadores de uma professora da outra sala, que briga com todas as crianças que estavam fora do lugar, inclusive eu recebi olhares porque estava participando da ação das crianças” (Notas de Campo, 4/05/2022).

As crianças convidaram o pesquisador a participar de suas brincadeiras a partir de um contrato de confiança proposto por elas. Na situação relatada, um adulto julgaria como errado as ações que estavam

planejando, mas com o pesquisador não assumiu uma postura adultista, elas confiaram às informações e permitiram acessar o que estaria escondido dos olhares da professora. Assumir essa postura em um campo de pesquisa pode gerar estranhamentos dos adultos ali presentes, mas é preciso apresentar previamente a metodologia para os professores e adultos da educação infantil.

Na instituição, as crianças frequentemente brincavam de casinha, onde meninos e meninas desempenhavam papéis sociais padronizados. Elas representavam famílias uniparentais com mãe e filhos, pais e filhos, e, ocasionalmente, mãe, pai e filhos. Em algumas dessas brincadeiras, surgia a figura de uma pessoa agressiva, que poderia ser um bandido ou um pai ou mãe brava. Nos diálogos, era possível observar que as crianças reproduziam cenas de repreensão quando os filhos faziam algo considerado errado, sendo corrigidos na brincadeira com broncas ou simulações de punições.

Também eram observadas cenas de proteção, onde o personagem do pai ou da mãe protegia as crianças do suposto bandido da brincadeira. Em outros momentos, a brincadeira consistia em cuidados: quem desempenhava o papel de filho imitava choro e/ou pedidos de comida, que eram atendidos por aqueles que faziam os papéis de adultos. Ao participar da brincadeira de casinha, o pesquisador teve acesso às interpretações das experiências sociais das crianças; os papéis que representavam refletiam a realidade que viviam naquela comunidade. Em outra oportunidade, o pesquisador acompanhou uma brincadeira de cavalinho debaixo da mesa do refeitório e observou o seguinte diálogo:

Menino 1 – *“Esse cavalo aqui é super-rápido, mais rápido que o cavalo que eu andei com meu pai na roça”.*

Menino 2 – *“Mas na chácara da minha avó tem um cavalo mais rápido do mundo, parece o Flash, eu quase caí andando nele”.*

Menino 1- *“Então mostra aqui nesse cavalo se você sabe montar”.*

Professora – *“Saíam agora debaixo da mesa”.*

Menino 1 – *“Isso não é mesa, é cavalo”.* (Notas de Campo, 17/05/2022).

Neste diálogo, as crianças explicam aos adultos como percebem aquele objeto disponibilizado pelos adultos para se sentar e realizar as refeições. Para as crianças, uma mesa não é apenas uma mesa. O potencial criativo e o repertório delas permitem que os objetos e os espaços sejam interpretados e experienciados de acordo com suas percepções. As crianças se relacionam com os espaços de forma criativa e imaginativa, diferentemente dos adultos. Segundo Sarmiento e Pinto (1997), é importante reconhecer a capacidade das crianças de criar simbolismos e sistemas organizados, chamados de culturas infantis. As crianças interagem com o mobiliário, brinquedos e espaços à sua maneira, produzindo cartografias espaciais e interpretando o ambiente de formas variadas, o que constitui a cultura do grupo

infantil.

No contexto pesquisado, é possível observar que nem todo o planejamento das atividades realizadas pela docente era voltado para o que prevê o Currículo em Movimento no Distrito Federal (Distrito Federal, 2018) e Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil (Brasil, 2017), que pautam a educação infantil a partir dos campos de experiência e dos direitos de aprendizagem, sendo que por muitas vezes foi proposto às crianças que fizessem atividades escolares pautadas em alfabetização.

Caderno e livro didático faziam parte da rotina diária das crianças. Entretanto, foi observado que mesmo em um ambiente que traz uma perspectiva de escolarização da educação infantil, as crianças transgrediam e resistiam através das brincadeiras. Todo o material didático fornecido, como tesouras, lápis, borracha, livros didáticos e cadernos se transformavam em brinquedos nas mãos das crianças. Em uma atividade com o livro didático, foi observado que as crianças:

não entenderam as perguntas, não faziam nenhum sentido para elas, nem mesmo a leitura do texto literário trouxe interesse dos pequenos, e durante a explicação da professora e frustração da mesma pela não participação na atividade, as crianças ficaram inventando brincadeiras onde os livros viraram aviões, guilhotinas de dedos, “come-come”, janelinha abre e fecha. O livro virou um brinquedo (Notas de Campo, 22/05/2022).

Percebe-se que mesmo com a tentativa da professora de realizar uma atividade em que era proibido brincar e na qual era necessário prestar atenção e executar a proposta, as crianças continuavam a brincar e interpretar aqueles objetos a partir do seu imaginário e repertório de infância. Ainda que se tente tirar o direito das crianças de brincar e participar, elas encontram maneiras de resistir.

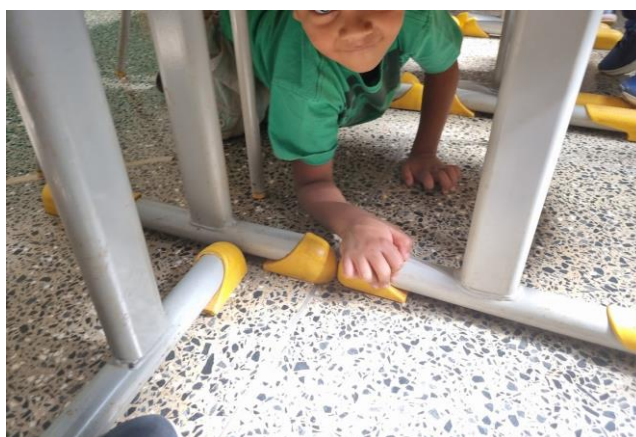
Nos momentos em que era permitido brincar ou quando estavam em espaços destinados à brincadeira, como no parque e na brinquedoteca, o repertório das crianças se mostrava ainda mais presente. O pesquisador foi convidado a participar das brincadeiras de “pique”, “esconde-esconde”, “aventureiros” e muitas outras, sempre perguntando para as crianças quais eram as regras e como que se brincava. Foram observados nos papéis sociais que as crianças representavam nas brincadeiras as relações sociais que, por sua vez, elas próprias observavam nos adultos, reproduzindo inclusive representações de violência e diálogos escutados por elas, brincando daquilo que experienciavam nos contextos em que viviam.

Mas eram nos momentos em que não estavam sendo vigiadas e naqueles em que convidavam o pesquisador a participar nos quais foi possível conhecer e ouvir inúmeros diálogos, histórias vividas ou observadas pelas crianças. Os lugares das crianças são aqueles em que elas se organizam como grupo, nos quais brincam e vivem o repertório das suas infâncias sem um olhar atento de um adulto. É um lugar em

que elas estabelecem uma relação de afeto e segurança. Segundo Lopes e Vasconcellos (2005), o lugar pode ser compreendido como o espaço em que as crianças estabelecem relações significativas e ao qual se sentem pertencentes.

Durante a pesquisa foram constatados alguns desses lugares como cantinhos da brinquedoteca, atrás da porta e principalmente debaixo das mesas, onde as crianças encontravam um refúgio seguro onde podiam brincar, chorar e se esconder sem a vigilância constante dos adultos. Esse espaço proporcionava-lhes a liberdade de expressar suas emoções e criatividade sem medo de repreensão ou julgamento. Ali, elas criavam um mundo próprio, cheio de aventuras e confidências, longe do olhar atento da professora. Durante a pesquisa ocorreram diversas interações das crianças debaixo das mesas. Lá foi possível entender um pouco da cultura daquelas crianças e do repertório que tinham; foi constatado que ali era o lugar das crianças.

Figura 1
Debaixo da mesa



Fonte: Acervo da pesquisa

E foram através dos convites para adentrar debaixo da mesa que o pesquisador descobriu uma figura imaginária que a maioria das crianças conhecia: o dinossauro que morava lá debaixo. Por alguns momentos uma criança assumia o papel desse dinossauro, mas em outros ele ficava apenas no imaginário. A todo o tempo o pesquisador era lembrado de que precisava tomar cuidado com esse dinossauro e o repertório aumentava com o passar do dia: diziam o que ele comia, fazia, como derrotá-lo e fugir. Elas compreendendo que o pesquisador acreditava nelas e na figura que imaginavam, passaram a convidar ainda mais o aluno novo a participar das suas atividades, adentrar em suas brincadeiras e seu universo infantil. O acesso a esses lugares não era permitido aos outros adultos da instituição por conta da postura vigilante e controladora que estabeleciam com as crianças.

A investigação nos permite refletir a respeito de que para realizar uma investigação com as crianças ou até mesmo trabalhar com elas na figura de professor ou de outro profissional de uma instituição educativa é preciso romper com a cultura adultista e manter relações mais horizontais com os pequenos. É preciso estabelecer relações de confiança, não excluindo o cuidado, o respeito e as responsabilidades de um adulto para com as crianças.

O ato de brincar com as crianças e permitir que elas nos convidem a brincar promove uma relação de valorização dos repertórios infantis e de promoção de efetiva participação das crianças no território onde que passam boa parte de suas vidas. Entrar debaixo das mesas, acreditar no dinossauro que mora lá embaixo, comer a comidinha e ouvir as mais diferentes histórias das crianças contribui para construir uma relação mais próxima entre as crianças e adultos, possibilitando brincadeiras e conhecimento de seus repertórios.

Entre os lugares e as brincadeiras das crianças da Educação Infantil

A realização desta pesquisa com crianças da educação infantil permitiu realizar uma interpretação sobre a infância, na qual pudéssemos divulgar suas vozes e repertórios. Entre os lugares e suas brincadeiras estavam as visões e interpretações que elas possuíam dos espaços em que viviam. Durante alguns diálogos, as crianças relatavam as suas perspectivas, mesmo diante de limitações espaciais impostas pelos adultos, a maneira que elas se organizavam estava sempre presente.

As crianças são invisibilizadas e não ouvidas na maioria das vezes pelos adultos, seja por acharem que elas não compreendem os acontecimentos ou por não darem atenção aos seus desejos, vontades e contribuições. Debaixo das mesas, o pesquisador pode conhecer o potencial e capacidade de organização e criação dos pequenos. Entre uma brincadeira e outra estavam ali presentes as culturas de pares próprias daquele grupo, o que poderia ser valorizado e potencializado caso fossem oferecidas mais oportunidades espaciais e sociais para elas.

O ato de ouvir, brincar, sentar junto e conhecer as crianças e a instituição de educação infantil de uma forma não adultocêntrica e vigilante trouxe para a pesquisa uma narrativa constituída de uma perspectiva próxima a elas, revelando também o potencial de participação que possuem para contribuir com a instituição. Conforme Corsaro (2005), essas reflexões motivam a realização de uma pesquisa etnográfica com o intuito de desenvolver um trabalho que evidencie e revele as vozes infantis, anteriormente ocultas pelos métodos tradicionais de pesquisa. A passagem a seguir ilustra essa reflexão:

A professora saiu da sala para ir ao banheiro e algumas crianças vão até a porta vigiar se ela está voltando. Enquanto isso, muitos saem dos lugares e vão dançar e correr pela sala, ignorando completamente o fato de que eu estava ali. Nesse dia, de fato percebi que eles não me viam como um adulto típico. Com a volta da professora, a criança grita que ela está vindo e todos correm para os seus lugares, rindo e se olhando quando a docente chega (Notas de Campo, 21/06/2022).

A passagem apresentada ilustra de maneira clara que, ao se posicionar como um adulto atípico, a postura não usual do pesquisador trouxe um impacto significativo na sua capacidade de acessar as informações e compreender o universo infantil. Ao não adotar uma postura de vigilância ou punição, o pesquisador conseguiu criar um ambiente de confiança com as crianças, permitindo que elas se sentissem à vontade para expressar suas brincadeiras e narrativas. Essa abordagem foi fundamental para que o pesquisador pudesse adentrar os espaços e participar das atividades infantis. Em resumo, a postura do pesquisador como um adulto atípico, que não vigia nem pune, mas sim participa e respeita, possibilitou uma observação mais genuína e profunda. Essa experiência destaca a importância de adotar práticas que valorizem as vozes e as culturas das crianças, reconhecendo-as como agentes ativos e capazes de contribuir significativamente para a instituição educativa.

Figura 2

Tudo é brinquedo



Fonte: Acervo da pesquisa

Entre as brincadeiras, foi possível observar que mesmo que os adultos organizem espaços não propícios a brincar e ainda que digam que lápis só é feito para pintar e cadeira para se sentar, as crianças continuam e continuarão brincando, porque o ato de brincar é próprio delas, é a linguagem das infâncias.

Dentro desse universo, as crianças transformam objetos comuns em elementos mágicos, as cadeiras tornam-se castelos, e os lápis, varinhas mágicas. Elas reconstróem a realidade sob a sua ótica, estabelecendo suas próprias regras e narrativas. Além disso, essas brincadeiras revelam a capacidade de adaptação das crianças e de resistência às estruturas impostas pelos adultos.

Mesmo sob vigilância, encontram brechas para expressar sua criatividade e autonomia, demonstrando que o brincar não é apenas uma atividade lúdica, mas uma forma essencial de interação e aprendizagem. Essas observações enfatizam a importância de proporcionar ambientes mais livres e menos controladores, que reconheçam e valorizem o papel fundamental do brincar no desenvolvimento infantil.

A instituição de educação infantil é uma esfera social onde as crianças organizam e vivenciam suas infâncias de acordo com sua própria maneira e cultura e, mesmo que se considere que “os mundos sociais da infância são construídos a partir dos mundos sociais dos adultos (pais, professores e mídia, principalmente)” (Nascimento, 2009, p. 35), as culturas, as linguagens e o imaginário se manifestam em espaços de formas distintas por elas. Estar debaixo das mesas, por exemplo, é uma forma que encontraram de escapar da rotina escolar estabelecida. Corsaro (2011) afirma que as crianças fazem diversas contribuições sociais através de suas produções culturais com seus pares. É necessário considerar seus desejos e proposições, permitindo negociações com os adultos para que não sejam apenas frequentadoras do espaço, mas que se sintam pertencentes à instituição.

Considerações finais

Retomando a discussão inicial, a pesquisa realizada nos permite refletir sobre papéis que as crianças podem ter na pesquisa científica com o rompimento de práticas de distanciamento. Ao se adotar abordagens sensíveis e participativas na pesquisa com crianças foi possível revelar a riqueza de suas experiências e percepções que frequentemente passam despercebidas nos métodos tradicionais. Considerar as crianças como participantes ativos não só respeita seus direitos, mas também enriquece o campo da pesquisa educacional com repertórios pautados pelas próprias crianças. Portanto, é fundamental que os pesquisadores continuem a desenvolver métodos que promovam a expressão livre e genuína das crianças, garantindo que suas vozes sejam ouvidas e valorizadas no desenvolvimento das pesquisas acadêmicas.

A pesquisa destaca a necessidade de reconhecer as crianças como sujeitos de direitos e agentes ativos na cultura. É crucial observar as crianças sem um olhar adultocêntrico e entender suas interações

espaciais com os espaços fornecidos pelos adultos. As crianças são ativas em seus contextos e brincam espontaneamente, refletindo suas culturas. Mesmo em escolas focadas no conteúdo e nos professores, as crianças não são receptores passivos; elas reivindicam espaço e tempo para viverem suas infâncias.

A entrada como adulto atípico permitiu observar as oportunidades que as crianças criam com os recursos disponíveis. Fora da supervisão direta dos adultos, em locais como debaixo das mesas e atrás das portas, as crianças desta instituição se organizam de maneira autônoma.

O convite das crianças para que o pesquisador pudesse participar as brincadeiras e dos seus espaços possibilitou que pudéssemos elaborar um produto de divulgação das vozes e culturas daquelas crianças. Acesso esse que não teria sido possível encontrar caso o pesquisador assumisse uma postura adultocêntrica e vigilante com os pequenos. É preciso romper com as relações de punição ou pressão e vigilância constante dos corpos e vontades das crianças. Foi observado na pesquisa que a todo momento as crianças eram impedidas de brincar ou de viver suas narrativas languageiras, enquanto os próprios documentos norteadores da educação infantil preveem que toda a prática da educação infantil deveria se dar a partir das interações e das brincadeiras. A hora de brincar e a hora de fazer o dever não deveriam existir no contexto da educação infantil, uma vez que o educar e cuidar deveriam ser a máxima para esta etapa da educação básica, conforme previsto pela LDB nº 9.394 de 1996.

A experiência da entrada do pesquisador como adulto atípico mostrou que foram muito vastas as oportunidades de acessar as crianças através dos convites e da relação de confiança. Em nenhum momento o pesquisador se apresentou como uma criança, mas o fato de ser o “aluno novo” permitiu que pudesse experienciar as rotinas, os espaços e a instituição sobre a ótica delas. As crianças apresentavam a instituição, as brincadeiras, a rotina como se estivessem conversando entre pares.

A pesquisa com crianças deve continuar rompendo com perspectivas adultocêntricas pautadas apenas no desenvolvimento e interpretações da infância. Deve também ser uma oportunidade de divulgação dos lugares das crianças e culturas das infâncias. É crucial que os adultos reconheçam e valorizem as vozes e experiências das crianças, permitindo-lhes participar ativamente na construção dos espaços e tempos que habitam.

As crianças demonstram grande capacidade de organização, criatividade e resistência, mesmo quando limitadas por normas e estruturas impostas pelos adultos. Ao adotar uma abordagem mais inclusiva e menos vigilante, os adultos podem descobrir e potencializar o rico repertório cultural e social das crianças, contribuindo para uma educação mais democrática e participativa.

Referências

- ARAUJO, Luciana Aparecida de; ANJOS, Cleriston Izidro dos. Pesquisas com crianças na Educação Infantil: discussões conceituais, éticas e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 23, n. 76, 2023. DOI: 10.7213/1981-416X.23.076.DS02.
- BORBA, Ângela. “O brincar como um modo de ser e estar no mundo”. In: BEAUCHAMP, Janete.; PAGEL, Sandra; NASCIMENTO, Aricélia. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília/DF: Ministério da Educação, 2007.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, v. 134, n. 248, 23 dez 1996. p.27833-27841.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018.
- CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 35-51.
- CORSARO, Willian. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 443-464, 2005.
- CORSARO, Willian. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Educação infantil**. Brasília: SEEDF, 2018.
- FERNANDES, Natalia; MARCHI, Rita de Cassia. A participação das crianças nas pesquisas: nuances a partir da etnografia e na investigação participativa. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, p. e250024, 2020.
- FOUCAULT, Michel. The Subject and the Power. **Critical Inquiry**, v. 8, n. 4, p 777–795, 1982.
- HART, Roger. **Children’s Participation: from tokenism to citizenship**. Florence: UNICEF, 1993.
- JAMES, Allison. Giving voice to children’s voices: practices and problems, pitfalls and potentials. **American Anthropologist**, New York, v. 109, n. 2, p. 261-272, 2007.
- LIEBEL, Manfred. Contrarrestar el adultocentrismo. Sobre niñez, participación política y justicia intergeneracional. **Ultima década.**, Santiago , v. 30, n. 58, p. 4-36, mayo 2022 . Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362022000100004&lng=es&nrm=iso>. accedido en 03 feb. 2025.
- LIEBEL, Manfred. La resistencia de la niñez trabajadora a la discriminación por edad. Reflexiones sobre el adultocentrismo, la temporalidad y la condición infantil. **Sociedad e Infancias**, v. 8, n. 2, p. 227–238, 11 dic.2024.

LIEBEL, Manfred; MEADE, Philip. can school become a non-adult institution?. **Childhood & philosophy**, Rio de Janeiro , v. 20, e81338, enero 2024 . Disponible en <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-59872024000100208&lng=es&nrm=iso>. accedido en 03 feb. 2025. Epub 30-Abr-2024. .

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. Geografia da infância: reflexões sobre uma área de pesquisa. Juiz de Fora: **Feme**, 2005.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia das Crianças, Geografia das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto & Educação**, v. 79, p. 65- 82, 2008.

LOPES, Jader Janer Moreira. O menino que colecionava lugares. In: TONINI, Ivaine; CASTOGIOVANNI, Antonio; GOULART, Ligia; KAERCHER, Nestor; MARTINS, Rosa Elisabete (orgs.). O ensino de Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: **Mediação**, 2011. p. 99-108.

MAYNART, Renata; HADDAD, Lenira; PEDROSA, Maria Isabel. A escuta das crianças por meio de suas brincadeiras. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 29, p. e50573, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/50573>. Acesso em: 3fev. 2025.

NASCIMENTO, Maria Letícia Barros Pedroso. Sociologia da Infância e Educação Infantil: algumas considerações sobre a aproximação entre essas duas áreas na pesquisa sobre a pequena infância. **Horizontes**, v. 27, n. 2, p. 31-36, jul./dez. 2009 D.

OLIVEIRA, Assis da Costa. Colonialidade do poder adultocêntrico e/nos direitos de crianças e jovens. **Revista Culturas Jurídicas**, Vol. 8, Núm. 20, mai./ago., 2021.

QVORTRUP, Jens. School-work, paid work and the changing obligations of childhood. In: BOLTON, Angela.; MIZEN, Phillip. & POLE, Chistopher. (Eds). **Hidden Hands: International Perspectives on Children's Work and Labour**. London: Routledge-Falmer, 2001. p. 91–107.

QVORTRUP, Jens. Are children human beings or human becomings? A critical assessment of outcome thinking. **Rivista Internazionale di Scienze Sociali**, v. 117, n. 3/4, p. 631–653, 2009.

ROSEMBERG, Fulvia Maria de Barros Mott. Educação para quem? **Ciência e Cultura (SBPC)**, v. 28, n.12, p. 66-71, 1976.

SANTIAGO, Flavio; FARIA, Ana Lucia Goulart. Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso. **Educação e Fronteiras**, Dourados/MS,v.5, n.13p.72-85, jan./abr. 2015

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel (org.). **As Crianças: Contextos e Identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 1997.

STRECK, Danilo; ADAMS, Telmo; MORETTI, Cheron. Pensamento pedagógico em nossa América: uma introdução. In: STRECK, Danilo (Org.). **Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia**. Belo

Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES, Ademilson de Souza Soares; GEBARA, Tânia Aretuza Ambrizi; MARTINS, Lucas Ramos. O pensamento decolonial nos estudos da infância: epistemologias críticas e pós-críticas. **Educação em Revista**, v. 40, p. e46401, 2024.

TEIXEIRA, Lourenço Silva. **Os lugares das crianças na educação infantil do Distrito Federal : entre os espaços concedidos e os experienciados**. 2023. 162 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Rafael de Paula Lima Neto.